
Recebido em 3/11/2016 e aprovado em 20/12/2016

A ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO FRENTE A EDUCAÇÃO, ESTÉTICA E POÉTICA: CIÊNCIAS DA MENTE E DO CORPO

Rodrigo Christofoletti¹

Resumo

A tríade essencial do integralismo (Deus, Pátria, Família) teve um corolário bastante divulgado pelo movimento: uma *sui generis* concepção de ciência, que englobava experiências ligadas à Educação, à Estética e à Poética. Buscava-se com este tripé publicizar a crença integralista de que "o terreno fértil do protagonismo só seria fertilizado por meio do conhecimento, da beleza e da palavra em todos os seus sentidos!". A ideia de que o binômio ciência/educação sempre foi um dos pilares da civilização era levada à risca pelo movimento integralista. Tal premissa alertava para o fato de que "o acúmulo de conhecimento não se bastava em si, e que era necessário uma educação que rompesse as fronteiras do intelecto, tornando-se o conceito do binômio ciência/educação algo polissêmico". Pretende-se neste texto analisar as concepções negativas de ciência propaladas pelo integralismo no seu mais importante compêndio a Enciclopédia do Integralismo, publicado de 1957 a 1961.

Palavras-chave: Integralismo; Plínio Salgado; Enciclopédia do Integralismo; Educação e Ciência.

Abstract

The essential triad of integralism (God, Fatherland, Family) had a corollary well publicized by the movement: a *sui generis* conception of science, which encompassed experiences linked to Education, Aesthetics and Poetics. This tripod was intended to publicize the integralist belief that "the fertile ground of protagonism would only be fertilized through knowledge, beauty and word in all its senses!" The idea that the binomial science / education has always been one of the pillars of civilization was taken to the letter by the integralist movement. Such a premise warned that "the accumulation of knowledge was not enough in itself, and that education was needed that broke the boundaries of the intellect, becoming the concept of the binomial science / education something polysemic." This text intends to analyze the negative conceptions of science promoted by Integralism in its most important compendium, the Encyclopaedia of Integralism, published from 1957 to 1961.

Keywords: Integralism; Plínio Salgado; Encyclopedia of Integralism; Education and Science.

¹ Educador da USP/RESJE e da Universidade Católica de Santos – UniSantos.

"A Ciência nos nossos dias desumanizou-se inteiramente, e tomou o Homem não como uma Causa, um Fim, uma Justificação de suas pesquisas, mas simplesmente um campo de investigações, um boneco, afinal, de carne e sangue, ossos e nervos, mas tão insignificante e mesquinho que o cientista puro jamais cogita de sua significação e de seu destino."
(SALGADO, Plínio. *O Ritmo da História*, 1956, 16)

A epígrafe possui uma clareza cristalina. Para os integralistas, sobretudo para seu chefe, Plínio Salgado, a ciência havia perigosamente tomado o espaço da crença religiosa, tão cara aos camisas verdes. Tornara-se um fim em si mesma, o que era criticado pelos integralistas. Tanto é que poucas vezes os integralistas se manifestaram explicitamente sobre o avanço da ciência e quando o faziam eram taxativos com relação à manipulação que segundo os mesmos, a ciência fazia. "Os liberas desalmados venderam suas almas ao agnosticismo da ciência", bradava Salgado em palestras pelo Brasil a fora e era este o tom empregado quando se tratava de defender sua visão de ciência. O Criacionismo, sempre teve prevalência ao Evolucionismo no seio do integralismo, que para passar ao largo das discussões teóricas focava sua abordagem na tríade essencial do integralismo (Deus, Pátria, Família), que teve um corolário bastante divulgado pelo movimento: uma *sui generis* concepção de ciência, que englobava experiências ligadas à Educação, à Estética e à Poética.

Na década de 1950, a reestruturação política do integralismo que havia grassado como grande movimento político de apelo popular, na década de 1930, foi vista por parte significativa da grande imprensa como um "arroubo ridículo"². Em plena era espacial, quando a ciência

² Este texto foi originalmente produzido como parte de um dos capítulos de minha dissertação de mestrado apresentada à UNESP –Assis em 2002. **A celebração do jubileu de prata dos integralistas (1957-1961)**. Para este fim foram realizadas algumas mudanças de caráter formal, adequando o mesmo ao propósito deste dossiê.

sagrava como o vetor do desenvolvimento humano e as crenças de que seria por meio da ciência que o homem chegaria à sua real emancipação, o discurso conservador do integralismo apareceu como uma nota dissonante. Sua concepção de ciência, modernidade e progresso chocava frontalmente com as premissas da contemporaneidade. Para se diferenciar do discurso corrente, os integralistas insistiram em requestrar do passado ideias, roupagens e atitudes que os caracterizava vinte anos antes.

A despeito da concepção restritiva e punitiva que Plínio Salgado, líder integralista possuía sobre ciência, algo que havia “destruído o sentimento de subordinação do Homem e da Sociedade a uma Causa, a um fim.” (SALGADO, 1933, p. 88) buscava-se com este tripé publicizar a crença integralista de que “o terreno fértil do protagonismo só seria fertilizado por meio do conhecimento, da beleza e da palavra em todos os seus sentidos!”. (SALGADO, P. El, Vol. I, p. 256)

É daí que surge a estratégia do integralismo de utilizar o conceito de Ciência como algo construído pelo homem, mas sempre com o aval divino. A esquizofrenia desta ideia antípoda se consubstanciava no binômio ciência/educação que aparece como um dos pilares da civilização, de acordo com os integralistas. Tal premissa alertava para o fato de que “o acúmulo de conhecimento não se bastava em si, e que era necessário uma educação que rompesse as fronteiras do intelecto, tornando-se o conceito de educação algo polissêmico”. (SALGADO, p. El, Vol. I, p. 235) O movimento integralista propunha uma reestruturação geral na educação do indivíduo, que apregoava uma reforma interior das pessoas, pois para os integralistas, mais do que um projeto educacional, tratava-se de uma revolução espiritual. Plínio Salgado, por diversas vezes, referia-se à educação como o diferencial entre prósperos e improdutivos.

Ao mesmo tempo em que a educação era relacionada com a totalidade da formação do membro integralista, “sua função era educar o homem integralmente” (DÓREA, G. R. *El*, Vol. IX, p. 65) também era veiculada como sinônimo de sofrimento e fortalecimento, sentimentos sem os quais não se ascenderia à vitória. Nesse sentido, o padre Hélder Câmara (à época um expoente integralista) evidenciava tanto aos educadores quanto aos aprendizes plinianos que,“(…) O lindo não era viver as horas fáceis de deleite. Belas eram as horas ásperas e difíceis (...) a conquista dos píncaros que nunca foram escalados e que devem guardar o segredo das auroras inéditas, cheias de esplendores”. (Câmara, H. *El*, Vol. IX, p.36.) Sendo assim, ao que parece, o sofrimento para o integralista era razão de alegria e fortalecimento.

A pedagogia integralista imaginada pelo então padre Hélder Câmara era baseada nos princípios elementares da autoafirmação integralista e visava, antes de qualquer coisa, a contraposição às ideologias capitalista e comunista. Segundo o clérigo, o integralismo necessitava buscar uma “Educação e uma Escola que refletissem a vida, que fosse criada para a vida e pela vida” (GRD, *El*, vol. V, 34). No entanto, enfatizava Câmara: “(...) o comum, quanto à educação de nossas crianças é que, hoje em dia, o que existe é o esmagamento da capacidade pelo meio hostil (...) Coerentes e justos, só mesmo os educadores integralistas que ultrapassaram as vacilações criminosas dos limites burgueses, não se tornando práticos por conservantismo, nem ao menos, se tornaram doutrinadores de excesso como o são os mestres russos que só objetivam criar intelectuais socialistas”.(Idem, p.54) A concepção de cultura formulada pelo integralismo era um desdobramento da ideia de educação que Salgado possuía. Esta sintetizava a necessidade do integrante do movimento sempre se manter atrelado aos preceitos da doutrina integral.

A orientação de Salgado influenciou diretamente nas interpretações que os militantes detinham sobre *cultura*. De acordo com Leopoldo Ayres: “O projeto educativo integralista visa educar o homem todo (...) E o homem todo é o conjunto do homem físico, intelectual, cívico e moral”. (GRD, EI, V, 98). A educação integral visava antes de tudo ser física, artística, científica, econômica, política, social e religiosa, e tal educação destinava-se tanto às massas quanto aos considerados aptos para formarem a elite da Nação. Se, nos anos 30, os preceitos culturais e educacionais integralistas eram moldados de acordo com os referenciais de Salgado, a praxe permaneceu inalterada nos anos 1950. Gumercindo Rocha Dórea, editor da Enciclopédia do Integralismo, compendio de 12 volumes publicados entre 1957 e 1961 pra celebrar o integralismo, na introdução do 9º volume, dedicado à educação, chamou a atenção para um fator significativo dentro das propostas do compêndio

Sendo o conceito geral de educação integral o que visa instruir o homem para sua maior e melhor cooperação social, expansão que possibilitará seu desenvolvimento físico e espiritual, tem-se, por conseguinte que, (...) o simples enunciado da matéria contida neste volume evidencia, desde logo, o caráter documentário desta obra que visa compendiar uma doutrina educacional partindo metodologicamente de seu conceito filosófico, de sua decorrente criteriologia, que objetiva a aplicação técnica dos princípios, a concatenação lógica dos assuntos (...) (DÓREA, G. EI, Vol. IX, p. 43.)

Por outro lado, se a noção educacional integralista era um dos pilares mais sólidos de sua afirmação político/ideológica, a confirmação nacionalista do movimento agregava uma série de elementos impermeáveis às influências externas. Isto incentivou ainda mais os integralistas a acreditarem na relevância de seu papel na história brasileira. Os integralistas se consideravam os legítimos legatários da

Semana de Arte Moderna de 1922 e valorizavam muito suas capacidades, superdimensionando suas aptidões. Assim, seus maiores divulgadores enfatizavam a suposta qualidade de seus membros em consonância com o dístico latino que afirmava: MENS SANA IN CORPORE SANO. Para o integralista dos anos 1930, nada mais soava tão contundente. Com relação ao incentivo ao desempenho físico, Rodolpho Josetti era enfático: “Não existe nenhuma restrição do integralismo à cultura física. Muito ao contrário. Dela somos apologistas, e a maior prova é que o chefe criou uma secretaria da Cultura Física... Para o vigor e a robustez, energia e saúde de nossa raça, tudo o que se faça em prol do aperfeiçoamento físico do tipo brasileiro, em verdade nunca será demasiado”. (JOSETTI, R. El, Vol. IX, p.85).

A dinâmica de ostentação do senso estético/físico/corporal é considerada por Rodolpho Josetti um dos veios mais importantes para se compreender a aceitação e a visibilidade do integralismo até aquele momento. O ano de 1935 marca um divisor na postura do movimento integralista, pois é neste ano que as ações comunistas intensificam-se, e é justamente este o período de maior tensão entre os militantes de ambas as ideologias. Simultaneamente, é neste período que a ação integralista passa a obter maiores resultados quanto à sua penetração social. Por isso, a preocupação de Josetti em sincronizar a relevância do corpo e da mente como constituintes de uma mesma estética. “Não é edificante, senhores e não é realmente chocante aferir e cotejar o esplendor, o prestígio/ ascendência da cultura física, com o abandono e penúria, o desamparo e negligência da cultura artística? Do que vale o valor físico, o valor estético da capacidade de pensar, sem a estetização do pensamento ou do corpo? Ambos devem caminhar juntos” (JOSETTI, R. El, Vol. IX, p.86). Entretanto, se por um lado o integralista evidencia a necessidade da convergência estética, por

outro, critica a mistura *das formas alienígenas em busca de uma substância própria*. Para Josetti, os exageros eram condenáveis

Eis a dinâmica do dito espírito da época, cuja tendência manifesta e irreprimível é de se comprazer com as emoções espontâneas mais incontestavelmente rudimentares dos sambas e choros, agravados ainda pelas jazz bands e outros que tais manifestações cacofônicas e deploráveis de absoluto abastardamento do senso estético...Por isso a importância da brasilianidade no senso estético, senão vejamos (...) na nossa mentalidade não deixamos de ser excelentes entre as que mais o sejam, a índole substancialmente musical, o talento fundamentalmente plástico do brasileiro não é inferior ao dos outros povos, é antes superior... (JOSETTI, R. El, Vol. IX, p.87).

É em função dessa necessidade de “brasilianização” nas artes que o autor intensifica, em seus argumentos, a incessante procura da chamada “fisionomia estética brasileira”, que Josetti adjetiva como “nacional e integralista”: algo genuíno, que não pretendia nutrir referências exteriores, mas sim, possuir uma essência nacional, endógena. Motivado por esta incessante procura, o integralista culpava a ação nefasta do individualismo e a expansão do liberalismo pela ruptura da estética essencialmente nacional: Seriam estes dois, os reais culpados pela falta de caracterização nacional no senso estético que procuramos (...). (Idem, p. 89)

Outra proposta estética apresentada pelo integralismo tratava da implantação de calendários de arte para a população, que seriam planejados sempre de acordo com o calendário central das comemorações integralistas. O domínio da estética significava o domínio sobre as variadas manifestações artísticas brasileiras, a noção de uma arte integral e integrada com suas variadas facetas. Nesse sentido, a eterna luta entre criação de uma estética própria e a manutenção da vigente (segundo a ótica integralista, infiltrada de

“ismos” de fora) se dava nos mais variados campos: da literatura, às artes plásticas, da poesia à política *stricto senso*, pois, para os integralistas “a força de sua estética baseava-se na cooperação e integração de todas as extremidades de um projeto nacional”. (SALGADO, P. El, Vol. I, p. 89) Porém, ao contrário das acusações de seus antagonistas, os integralistas afirmavam “que não pretendiam impor sua vontade estética, mas sim respeitar a vigente, de maneira que esta se apropriasse de conceitos nacionalizantes e antiinternacionalistas”. (SALGADO, P. El, vol. I p.87). A preocupação integralista em diferenciar a matriz nacional da estrangeira era reforçada por uma forte convicção: a confiança de que apenas conjuntamente, a estética e a política poderiam fortificar o sentimento nacionalista brasileiro. Para legitimar essa convicção os integralistas afirmavam que seu sentimento de brasilidade provinha das discussões nascidas durante a semana de Arte moderna de 1922, episódio no qual Salgado lograra certa notoriedade. O criador do Manifesto da Anta, enfático, lembrou 1922

Não foi, pois no desespero que nasceu o movimento do Sigma. Foi de uma compensação subitânea da nossa vontade de vencer. Tanto assim que as suas origens se confundem com as origens do movimento de renovação estética, com que os artistas e os pensadores da geração a qual pertencem abriram perspectivas iluminadas para o espírito do Brasil” (Idem, p. 28)

É notório que Salgado postulava ser o maior herdeiro das proposições nacionalistas de 1922 (entendido na vertente do *verde-amarelismo*), movimento que, segundo ele, teria nascido com mesmo sentimento patriótico do movimento integralista. Apesar da proximidade sustentada por seu discurso, os antipáticos ao integralismo evidenciaram uma contradição que estaria no âmago da vinculação

entre os movimentos modernista e integralista: “embora houvesse em ambos uma elaborada fermentação de ideias foram o integralismo e o modernismo dois movimentos diametralmente opostos, pois pregavam concepções de brasilidade essencialmente díspares, sobretudo porque o modelo integralista era fomentado pela necessidade de sustentar o medo de uma mudança nas estruturas da sociedade”. (BOSI, 1994, p. 369).

A convicção integralista de que seus membros haviam plantado sementes que germinariam frutos em razão da herança da estética nacionalista ou do legado educacional que transmitiam, adquiriu um novo fôlego com a celebração do Jubileu de Prata de 1957. Com isso, a reafirmação simbólica do movimento fez reviver antigas e fortes oposições. No entanto, uma vez que a postura educacional integralista era tida como “excludente” por parte da imprensa, as acusações de que os integralistas postulavam uma manifestação estética “empobrecedora e vulgar” também ganharam consistência no período.

Concomitantemente, se a educação foi um foco relevante nas preocupações integralistas a afirmação poética da militância apareceu como uma das expressões estético/literárias de maior diversidade no compêndio. Assim, essa produção poética reuniu uma gama variada de profissionais que tinham em comum o sentimento de pertencimento integralista e uma profunda devoção por Plínio Salgado. A predominância de cidadãos comuns, desconhecidos do público em geral, mesclou-se com a presença de alguns dos mais renomados poetas integralistas.

A partir disso, a compilação dos poemas se fez mediante pesquisa realizada por Gumercindo Rocha Dórea, que na época, além de editor da *Enciclopédia do Integralismo*, também ocupava o cargo de redator chefe do jornal *A Marcha*. Foram enviados pedidos de colaboração

aos jornais integralistas do interior do país em busca de “novos talentos patrioticamente poéticos”. (DÓREA, A Marcha, 1959, p.08) O trabalho de arrecimação e compilação realizado por Dórea foi, desta vez, facilitado pela existência de uma antiga coletânea já publicada, e que continha um número superior a trinta poetas integralistas. Principal fonte do 7º volume, a antiga antologia publicada por Dario Bittencourt, em 1936, traz uma coletânea de poetas integralistas de sua época.

Em 1936, Dario Bittencourt, chefe provincial de AIB, escreveu um ensaio sobre ‘O Integralismo e os seus Poetas’, entregando uma duplicata dos originais a Plínio Salgado. O trabalho foi extraviado, em consequência do saque praticado na biblioteca e arquivos do chefe nacional da AIB pela polícia da Ditadura. Dez anos mais tarde, regressando Plínio Salgado de seu exílio, o ensaio de Bittencourt veio, inexplicavelmente, ter-lhe de novo às mãos. Agora que se edita a Enciclopédia do Integralismo, este grupo de editores entendeu que não poderia deixar de dedicar um volume à produção poética inspirada pelo Integralismo. A antologia de Bittencourt veio facilitar a busca e pesquisa de jornais e revistas da época. Estes fizeram uma adaptação. Nosso tempo escasso permitiu-nos remodelar, até mesmo para cumprir com nosso cronograma de publicação. (DÓREA, A Marcha, 1959, p. 09)

Em seus apontamentos, Bittencourt reforçou um antigo desejo de Salgado em aproximar o integralismo da intelectualidade, já que esta era considerada salvadora pelos integralistas. E para além da relação intelectual, os poemas analisados em sua antologia exaltavam o patriotismo de seus leitores. Tratava-se, antes de uma tática de aliciamento. Por outro lado, diferentemente da obra arrecimada por Dário Bittencourt, a coletânea integralista incluída na *Enciclopédia* mesclou poemas de seus mais conhecidos militantes, com o caráter renovador de escritos produzidos por poetas desconhecidos. Portanto, tinha como proposta não somente apresentar à militância os

pensamentos dos membros famosos, mas disponibilizar o que a população simpatizante pensava sobre o movimento. Pouco antes do sétimo volume sair do prelo, Rocha Dórea enfatizou: "(...) da poesia faça-se o reerguimento desta varonil esperança. Viva a poesia integralista diante do berço desta nova criança! (...), pois, à primeira parte deste livro poderíamos subordinar à legenda: 'Antes'; e a segunda parte, a este apêndice, ao dístico 'Depois'. E, unindo o 'Antes' ao 'Depois', poderíamos dar a todo este volume um título: 'Sempre'". (EI, Vol. VII. Introdução). O editor do compêndio aspirava resgatar a cultura poética integralista que acreditava basear-se na "mais importante demonstração do integralismo, antes de tudo, uma proposta claramente ilustrada de cultura". (DÓREA, A Marcha, 1959, p.07) A esperança dos grandes expoentes foi combinada com a confiança e a simpatia do indivíduo comum, representante do cotidiano militante integralista.

A coletânea organizada pelos editores da Enciclopédia é antes de tudo, documentária. Neste compêndio há poesias de todos os calões. Há pontos altos, médios e sub-médios. Alguns atingem alta expressão poética e valor técnico, muitos outros não vão além do valor como subsídio histórico de um estado de espírito. (DÓREA, A Marcha, 1959, p. 09)

Nessas poesias, destacou-se o cotidiano do militante. Se o itinerário percorrido pelos demais volumes foi a via da doutrinação, a resposta da militância veio em forma de versos e muita passionalidade: decassílabos, alexandrinos, prosaicos, haicais; a interação entre a via consumidora e a produtora da doutrina se estabeleceu naquele volume. Embora apenas uma pequena parcela dessa militância apresentasse ou sugerisse a inclusão de seus poemas na coletânea, o sétimo volume foi uma espécie de intermediador do projeto, no sentido

de que, a população simpatizante do movimento teve acesso às páginas do compêndio não só como leitora, mas como agente produtora do que seria lido, e nesse sentido, a militância integralista confirmou o que Salgado almejava alcançar quando dizia que: “o sentimento de pertencimento é a tônica do reerguimento e do poder”. (DÓREA, A Marcha, 1959, p. 10)

Dentre os elementos constituintes deste corpo de mais de oitenta poemas, encontram-se poesias que tratam da população brasileira; do Comunismo como inimigo; do Estado como finalidade essencial do movimento; da Geografia como metáfora do organismo nacional; da mulher enquanto coadjuvante das relações parentais; da ideologia propriamente dita; da família enquanto instituição fundamental da sociedade integralista; da simbologia; da exaltação do movimento ao chefe; do negro; da religião; da doutrina como força motriz; dos militares; dos considerados humildes e pobres; dos estudantes; dos operários do campo e da cidade e dos documentos fundamentais do integralismo, dentre outros. Cada um desses elementos apareceu nos poemas como componente fundamental da práxis política/ideológica/cultural integralista.

Como forma de ilustrar o conteúdo de alguns desses variados poemas, optou-se por fazer uma pequena seleção destacando sete temas pouco discutidos nos escritos integralistas, e que apareceram nos poemas de maneira bastante relevante. A preocupação de que, cedo ou tarde, o integralista encontraria pelo caminho a comparação entre seu ideal e de estrangeiros, incentivou a propagação de uma série de poesias que tinham como temática o apelo nacionalista e ufanista do militante. No conteúdo do poema abaixo, de autoria de Brasil Pinheiro Machado, um integralista da primeira geração, comprova-se a preocupação ufanista do integralismo em consagrar como superior a “língua mulata cabocla portuguesa”. Para tanto, o autor afirma que a

“desbrasilianidade” é um perigo que ronda apenas a cabeça dos ignorantes sobre integralismo.

Aquilo não era Brasil

“O brasileiro nortista que chegava dizia que aquilo não era Brasil!
Que aquilo era uma aldeia russa!
... só que o brasileiro do norte que chorava a desbrasilidade do sul,
não notou que quando parava o seu fórdinho na estrada esburacada
e apeava, para pedir água ou comprar fruta na chacinha em frente
o polaquinho, o russinho, o alemãozinho, o italianinho, nascido ali,
traduziu o pedido do viajante pro pai e do pai pro viajante
numa língua igualzinha a dos caboclos cor de bronze
amulatado sem regra de gramática portuguesa, graças a Deus!”

O ufanismo foi, certamente, o elemento mais explorado nos poemas integralistas. No entanto, outra preocupação dos poetas integralistas era justamente a adequação e o cuidado dispensado ao conceito de gênero. A mulher não foi esquecida pelo movimento, sendo homenageada em odes e poemas. O poema destacado abaixo apresenta a figura feminina atrelada a um comportamento vaidoso e vibrante, pronto a abraçar as causas do movimento. “Troca a veste pomposa pela camisa verde vigorosa...”, como seria cantado em outro poema de mesma temática.

Embora houvesse a admiração pela participação das mulheres integralistas, sobretudo nas atividades de retaguarda do movimento, tais como nas escolas, hospitais e lactários integralistas, as *blusas verdes* (como eram conhecidas as mulheres militantes) sempre foram apontadas como coadjuvantes, nunca atuando diretamente na ação e participação política, doutrinal ou intelectual do movimento. Simultaneamente ao discurso de Belisário Penna que dizia ser urgente “para o bem da humanidade, surgir do homem integralista um corretivo à loucura da mulher de querer igualar-se ao homem em tudo e por tudo, em contraposição às leis biológicas (...)” (PENNA, B. El, Vol. IX,

p.43.) o poema do militante Colbert Crelier exemplifica e corrobora a significação secundária da figura feminina, apresentando uma personagem preocupada meramente com a estética de seu uniforme. O importante, segundo o poema era que o uniforme não escondesse sua feminilidade.

A mulher brasileira

Penápolis, 1935.

“Troca os faustos, o luxo de outras vestes pela graça mais simples e atraente

desta camisa verde que, somente de uma sóbria elegância se reveste.

Sem que nenhuma pena te moleste, desde adornos gentis, serenamente,

E num gesto de fé, sincera, ardente esta camisa e esta gravata veste

Se outro vestido mais encanto empresta e sua feminil vaidade exalta

A tua formosura que realça, esta camisa, aqui, verde e modesta,

É o verbo inicial de uma epopéia, não veste o corpo só, veste uma idéia”.

Cabe destacar que dos 84 poemas constituintes desta antologia, apenas dois foram escritos por mulheres. Seus nomes: Haydée Machado Marques Porto e Maria Rita Vaz de Hollanda Cunha, ambas representantes da primeira geração integralista. Embora um dos pilares contra a ofensiva antiintegralista fosse justamente apregoar o caráter aberto, não preconceituoso e anti-machista do movimento, a estatística é clara: no universo das poesias integralistas, bem como na cosmologia da decisão partidária, as mulheres eram simplesmente figurantes.

Se a figura feminina era coadjuvante, a juventude masculina foi utilizada à exaustão como elemento propagandístico de um movimento que tinha em seus quadros “o futuro da Nação”. O poema do jovem Miguel Edmar Soares Arruda, que na época não havia ainda completado 17 anos, evidenciou a preocupação do selecionador das poesias, em referenciar a idéia de futuro para os integralistas. A despeito do conteúdo do poema se mostrar pouco significativo, se

comparado aos demais selecionados (não debatia ou exaltava nenhuma temática nova), este poema foi utilizado pelos integralistas para promover a penetração da doutrina junto aos jovens que começavam a se interessar por política. Nesse sentido, incentivavam-se novas maneiras de se investir em diferentes linguagens e formas de aproximação. Na época, o autor deste poema chamou mais atenção que as mulheres ou os negros, agentes sociais naturalmente coadjuvantes no universo integralista. A juventude passava a fazer parte, mais que nunca, da cosmogonia poética integralista: força, jovialidade e permanência, a tríade constituinte do *integralista ideal*, uma imposição do movimento no auge de sua constituição em meados de 1935 a 1936.

O verde Integralista

"Eu vejo o verde pelo campo em fora,
Tapete imenso no vergel da serra,
Eu vejo o verde, quando a tarde chora
Lá no bramir do mar da minha terra
Eu vejo verde ao despertar da aurora
No prado em flor, pela manhã deserta,
Eu vejo o verde entre o botão que aflora
Em cada flor de jasmim aberta.
Eu vejo ainda ao desfraldar, tão lindo
Todo em esperança o brio se vestindo,
No pendão pátrio, tremulando à vista;
Mas só contemplo com amor ufano,
O pedaço mais VERDE deste pano,
Quando ele envolve um peito integralista"

Em comunhão com as figuras *feminina* e do *homem jovem*, o *negro* também foi utilizado como elemento propagandístico do integralismo, principalmente para contrapor às acusações de racismo, veiculadas de maneira sistemática pela mídia. Poemas como o de D. S. Padão, militante sem identificação conhecida, foram por diversas vezes utilizados como álibi quando o movimento era denunciado como

racista. Os quadros integralistas sempre aceitaram negros, embora sua participação fosse bastante reduzida. A poesia foi uma das manifestações que mais divulgou esta recepção. O poema de D. S. Padão (que, provavelmente era um dos muitos militantes negros) visou retratar o quanto a força da etnia era bem recebida pela sigla. As referências em prol do militante negro também apareceram em outras duas poesias que obedeciam ao mesmo eixo temático, porém não evidenciando a oposição racismo/militante negro, mas sim, indicando a figura do negro como um elemento natural do universo integralista.

Poema do homem negro

“Aquele homem forte, **escuro**³, erecto, valente desafiava a morte.
 Na milícia, não mal comparando, parecia o jequitibá
 Em torno do qual, gloriosamente, a floresta verde se estendia.
 Mas um dia, porém, Deus o levou também, e desde esse dia,
 Um vácuo na terra se sentia em prol da Milícia do Além.
 Hoje resta a clareza à minha alma varonil.
 Quem morre camisa verde,
 Morto, é muito mais vivo
 No coração do Brasil!”

O Integralismo e seus diversos personagens: o homem branco e negro; a mulher; o jovem; o brasileiro e o estrangeiro que, simpatizasse com o movimento; o militar e o militante civil eram sistematicamente apresentados como uma “herança salvacionista de uma Nação desprovida de futuro”. (SALGADO, P. El, Vol. I, p.78.) Foi também a “sentinela atenta”; o “oráculo dos problemas da Nação”; o “dissipador

³ Como a grafia da palavra “escuro” havia sido publicada em negrito no volume consultado resolveu-se pesquisar junto a exemplares do mesmo volume para comprovar o destaque ou se a grafia do exemplar consultado havia sido um erro de impressão. Pesquisados cinco exemplares do 7º volume da *El*: Coletânea dos poetas integralistas constatou-se que, em três exemplares a grafia acompanhava a palavra “escuro” em negrito, o que fez supor que havia a intenção editorial de se destacar a palavra. A despeito dessa constatação, nenhuma indicação comprovou a real intenção do destaque, não podendo também explicar o porquê dos dois outros exemplares não terem sido publicados com o destaque em negrito da referida palavra.

das mazelas do Brasil", títulos de poemas laudatórios apresentados no sétimo volume. Nesse sentido, o poema de Julio Dias, escrito em meados de 1935 é paradigmático. A vocação salvadora do militante integralista foi, mais uma vez, explorada como um atributo original dos aderentes do movimento, cuja finalidade única se dava na viabilidade do tão esperado Estado Integral.

Integralismo

"Sentinela avançada do Brasil!
Sangue moço clamando liberdade,
Músculos de aço, força varonil,
Impulsionando a sã brasilidade!
Marcha gloriosa de conquistas mil
Supremo ideal de nossa mocidade.
Que há de trocar o fogo do fuzil, Pela voz da justiça e da Verdade.
ANAUÊ! Que se ouviu de sul a norte
Despertando o Gigante bravo e forte, hoje é a senha da fé e civismo...
Guarda a honra da pátria brasileira
Que o integralista, cheio de heroísmo.
Gravou com sangue à sombra da Bandeira"

O aspecto militar do integralismo sempre foi questão de orgulho por parte de seus membros. O alerta dos militares seduziu os integralistas que pregavam a auto-estima e a disciplina como elementos imprescindíveis para sua auto-realização. Por outro lado, o integralismo canalizou os sonhos de muitos militares (mais na marinha de guerra), que viam no ideário a ponte para ascensão do tão sonhado estado brasileiro integrado. Os conceitos de hierarquia, respeito e disciplina - atributos cobrados de um integralista - tiveram neste poema do Major Waldomiro Ferreira, (militar de carreira desde o início vinculado ao movimento), um tratamento peculiar, pois apresentaram aos leitores a indissociável relação entre os universos militar e integralista. Tal relação atestou a significância da figura do militar no cotidiano do integralismo, interlocutor direto quando se tratava de fazerem-se valer os elementos patrióticos e disciplinadores. No poema abaixo, percebe-se a

predominância dos tons patriótico/ufanista próprios da formação militar/integralista.

Brasileiros, sentido!

“Enquanto os empreiteiros da desgraça
 Na ronda estéril, na investida estulta,
 Persistem nesta prédica que insulta
 E a covardia ao servilismo enlaça,
 Levantemos no ardor da nossa raça
 A cultura, altivez que nela avulta,
 Por sepultar a cáfila insepulta
 Desses mortos morais de ideia escassa!
 Sentido, Brasileiros! Já se apresenta
 A mulata boçal, tentando a festa,
 Que às saturnais deixa perder de vista!
 Mal haja quem fugir à dura prova,
 A dura construção da Pátria Nova
 Nos moldes da Doutrina Integralista!”

Uma vez que os poemas foram, na sua maioria, publicados originalmente nas páginas dos jornais integralistas da década de 1930, ao serem reapresentados na *Enciclopédia do Integralismo* reconstituíram o ideal do velho movimento frente à nova conjuntura. Contabilizado os investimentos, verificou-se que a acanhada recepção da *Enciclopédia do Integralismo* deveu-se, possivelmente, ao seu histórico de comparações e aproximações estéticas e ideológicas com os fascistas europeus, em especial com os italianos. A despeito de seus representantes afirmarem nunca terem sido ajudados pelos fascistas, nunca terem sequer flertado com sua postura autoritária e política, “no máximo com sua bela estética!”, (SALGADO, P. *Idade Nova*, 1946. p. 4.) torna-se difícil não crer nas possíveis aproximações entre ambos.

A dissonância do discurso e ação integralistas diante do contemporâneo, as bravatas discursivas que antepunham ciência e religião, avanço e conservação, progresso e reação acabou por afastar ainda mais a nova militância, o que acabou por enfraquecer a

já desmantelada e fragilizada velha militância. Registra-se que a proposta levada a cabo por esses integralistas, avulsos, desconhecidos, cidadãos comuns, se dá na medida em que a *Enciclopédia do Integralismo* constituiu-se em um projeto de fortalecimento da identidade política de uma parcela da sociedade que, embora reduzida, requeria, naquele momento, direito de se pronunciar. Segundo a percepção passional de seus idealizadores, corroborada pelas manifestações de apreço e solidariedade de sua militância: o compêndio se constituiu no “único guia confiável diante o mundo de retrocessos e brumas políticas” (A Marcha, 1957, p.09) em que o país se encontrava. Em contrapartida, para a maioria dos segmentos da sociedade vigente, os “jacarés falantes do integralismo”, tal como enfatizou Mario de Andrade, significaram um enorme retrocesso poético e político.

Conforme foi abordado estabeleceu-se, no interior dos textos da *Enciclopédia do Integralismo*, elementos de tensão entre as várias gerações que, apesar do filtro de seu organizador, acabou por aflorar. Tal tensão permitiu apreender as dissonâncias e similitudes no interior de seu discurso. A ciência restritiva propugnada pelo discurso integralista entrou em choque com a realidade contemporânea, mas a despeito desse embate, acredita-se que a *Enciclopédia do Integralismo* (vetor propagandístico da visão integralista de ciência, educação, arte e política) se constituiu no mais significativo marco do integralismo do pós-segunda guerra. Os integralistas demorariam a admitir, mas a roda da história e a penetração da ciência como vetor de desenvolvimento venceu a disputa contra o conservadorismo religioso e o sectarismo ideológico dos camisas verdes. Ao menos em um aspecto os integralistas estavam certos: se a ciência é hoje o monólito de adoração do homem agnóstico, a crença no imponderável continua selando a argamassa dos muros que cerceiam a tolerância e a

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. A Enciclopédia do Integralismo frente a Educação, Estética e Poética: ciências da mente e do corpo. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 10, n. 19, p. 113-132, jul./dez. 2016.

convivência dos diferentes. E isso ciência ou religião alguma conseguiu dissipar.

Referências

A *Enciclopédia do Integralismo*. 12 volumes. Editada por Gumercindo Rocha Dórea. São Paulo. GRD Edições e Livraria Clássica Brasileira. 1957-1961.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 35ª Ed. SP: Cultrix, 1994. p. 369.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. *O jubileu de Prata do integralismo. 1957-1962*. Dissertação de Mestrado. UNESP – Assis. 2002.

DOREA, Gumercindo R. "Poetas Integralistas". *A Marcha*. Diversos anúncios, a partir de novembro de 1959.

SALGADO, Plínio. Diferente e dissidente in: *Idade Nova*, 12/4/1946. p. 4.

_____. *Psicologia da revolução* [1933]. In: *Obras Completas de Plínio Salgado*. v. VII. São Paulo: Editora das Américas, 1956.

_____. *O ritmo da historia: (corrigida e acrescentada)*. In: *Obras Completas*. São Paulo: Editora das Americas, 1956.